

FIGURÕES DE NOSSA TERRA



Mestre Rodolpho, chamado
o valente publicista
que hoje faz o apostolado
da campanha anti-álcoolista.

Se lhe permitísse o lado
cômico Rodolpho, infernato,
Transformaria este Estado
No bella «terra de Kato».

RODOLPHO THEOPHILO
(caricatura)

Da revista "Fanfarra", Fortaleza, ano I, n.º I,
7.3.1925, pág. 17 (não numerada)
Col. Laudomiro Sousa Pereira

PÁGINAS ILUSTRES

“O ATHENEU CEARENSE”

Aos colegas que restam

RODOLFO TEÓFILO

Há cêrca de sessenta anos, fundou-se em Fortaleza o primeiro colégio de ensino primário e secundário, na praça da Feira Nova, hoje Praça do Ferreira, em uma das esquinas do lado do sul, na Rua Floriano Peixoto.

Era seu diretor um cearense, o sr. João de Araújo Costa Mendes, que passara alguns anos na Bahia, como professor do colégio Abílio, cultivando suas qualidades inatas de pedagogo para depois aproveitá-las em sua terra, tão carecida de estabelecimentos de instrução.

João de Araújo era de estatura mediana, usava barba inteira, quase ruiva, franzino de corpo, olhos muito pequenos, vivos, quase calvo, dotado de grande energia, uma das boas qualidades de comando. Com decidida vocação para o magistério, inteligente, dotado de regular cultura, em breve o seu colégio adquiriu fama, enchendo-se de alunos, não só internos como externos.

Não comportando mais a casa o internato, João de Araújo mudou-se para a Rua Amélia, hoje Senador Pompêu, para umas casas das calçadas altas, onde mora atualmente a família de João Brígido.

O "Atheneu Cearense" vinha prestar relevantes serviços ao Ceará.

Os pais de família não seriam obrigados a mandar os filhos para fora da Província estudar preparatórios. Bastava o sacrifício de fazê-los seguir quando tivessem de cursar uma de nossas Academias, que naquele tempo só funcionavam em S. Paulo, Rio, Bahia e Pernambuco. Rio e Bahia tinham faculdades de Medicina, e S. Paulo e Pernambuco, de Direito.

A Paulicéia era célebre por terem, em seus bancos, cursado os nossos maiores homens, os expoentes da mentalidade brasileira.

Os preparatórios não podiam ser feitos aqui e sim nas capitais em que houvesse Academia.

Quando entrei para o "Atheneu", já êste funcionava na Rua Amélia e coube-me o número 79 no interrato.

Nestas reminiscências ocupar-me-ei dos meninos que foram homens notáveis e dos falecidos ultimamente.

Daquele bando de crianças saiu o que o Ceará contemporâneo tem de mais elevado em sua mentalidade. Pode-se dizer o período áureo do Ceará mental. Basta lembrar Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Paula Ney, Domingos Olímpio, Xiliderico de Faria, João Lopes, Tomás Pompeu, sendo que a êste já não encontrei no "Atheneu".

Além dos citados, houve muitos que se diplomaram nas Academias do Brasil e do estrangeiro.

Depois dessa fornada, o Ceará, parece, cansou.

Anos, após, veio-nos um luminar das ciências jurídicas e sociais, Clóvis Beviláqua. Posteriormente, Farias Brito, Frota Pessoa, Otto de Alencar, Antônio Sales. Decorridos mais alguns anos, apareceram Genserico de Vasconcelos e Godofredo Maciel.

Agora há uma pléiade de novos, com muito talento, que promete igualar a do "Atheneu", no meu tempo.

* * *

Começo por CAPISTRANO DE ABREU, o verdadeiro *cabeça chata*. Quando entrei para o colégio, em 1865, já o encontrei. Ele era uma exceção entre nós. Sempre pelos cantos,

isolado, mal-amanhado, desasseado, e lendo, sempre lendo. Nunca tinha nota má nas lições, mas sempre era castigado por falta de asseio.

Capistrano tinha nesse tempo uns doze anos, e já vivia sonhando, alheio ao que se lhe passava ao redor.

O colégio ia uma vez por semana recrear-se, à tarde, no morro do Corotá, hoje morro do Moinho, desabitado e, agora, povoado pela ralé de Fortaleza.

Mal sabia eu que naquelas areias brancas, naquele mesmo morro havia eu, anos depois, de exercer o máximo de minha atividade na profilaxia da varíola, em uma pequena epidemia que ali irrompeu.

Chegávamos ao morro, e cada um procurava exercitar os músculos em ginástica, em cambalhotas, em saltos mortais. Todos riam, agitavam-se, exceto o Capistrano, que, isolado do bando, quase cego pela miopia, deitado de bruços na areia, absorto de todo na leitura, ficava até voltarmos ao colégio.

Não raro acontecia, já rós em forma, ir o companheiro de fila acordar o leitor, que, sem ver o que se passava, continuava a ler.

Capistrano, não podendo fazer aqui os preparatórios, foi para o Recife. Lá o encontrei quando fui fazer preparatórios. Não havia feito um só exame. Passava os dias nas livrarias e as noites nas bibliotecas a ler, sempre a ler. O exemplo de seus colegas, os bacharelados Augusto Pinto Alves Pequeno e Francisco de Sales Ribeiro Campos, pai do poeta Sales Campos, não o estimulava. Pouco lhe importava o título de bacharel, pois, simples *cascabulho*, valia muito mais do que a maioria dos doutôres.

O velho Jerônimo Honorário, pai de Capistrano, agricultor em Culuminjuba, homem da têmpera antiga, sem esperanças que o filho se matriculasse, mandou-o voltar e botou-o na enxada. O estudante sentiu deveras o cabo do *Frei-Jorge*, não própria-mente pelo trabalho, mas porque não lhe deixava tempo para ler. As noites passava-as quase inteiras lendo. A sua tortura teria ido longe se José de Alencar não tivesse vindo ao Ceará.

Capistrano, sabendo da chegada do príncipe dos roman- cistas, veio visitá-lo. A impressão, que teve o consagrado homem de letras e político, foi a que se pode ter de um caboclo matuto.

Começaram a conversar e, no fim de alguns minutos, Alencar, com grande admiração, viu que ali não estava um simples sertanejo, porém um erudito! . . .

Fizeram-se amigos e, juntos, foram para o Rio.

Alencar não podia deixar aquela jóia de grande valor perdida nas brenhas do sertão cearense.

Em 1883, estive com Capistrano, que veio ao Ceará, em visita à família. Almoçou comigo. Era o mesmo menino mal-amarhado do colégio, porém um pouco mais limpo e melhor encadernado. Duas dezenas de anos no Rio não o tinham polido.

Falou-me de seus projetos literários, que, se não os modificou, enriquecerão a nossa literatura de bons livros. Seu precioso tempo, cultura e mentalidade vai gastando no estudo da língua dos índios "caxiúvas"; melhor fôra que o fizesse em obra de mais utilidade e relevância.

ROCHA LIMA era um menino franzino, tímido, um pouco gago, estudioso, mas o seu grande talento, que se desenvolveu mais tarde, passou despercebido no colégio. Aos vinte anos impressionou os letrados do Ceará com o seu livro — *Crítica e Literatura* — páginas admiráveis de erudição, de estilo e, sobretudo, de critério, em tão verdes anos. Foi uma revelação. O espírito de Rocha Lima era maior do que o invólucro material e daí o seu aniquilamento aos vinte e poucos anos. Se tem vivido mais, poucos o igualariam nas letras brasileiras.

DOMINGOS OLÍMPIO, de todos nós, foi o único que revelou talento nos bancos do "Atheneu". Era de uma índole alegre, jovial, tendo sempre um episódio interessante, uma anedota chistosa para amenizar a palestra. Era um excelente *causeur*. Tinha muita graça contando as suas histórias. Sua fisionomia, iluminada por uns olhos verdes crisolita, em um rosto oval muito branco, atraía e agradava. Que alma angélica tinha o Domingos! . . .

Deixando o colégio, cursou a Faculdade de Direito do Recife, em que se bacharelou. O Ceará não teve colocação para tão digno filho, como não tivera para muitos outros, entre os quais Araripe Júnior e Clóvis Beviláqua! . . .

Cumprindo o destino do cearense, embarcou para a Amazônia, onde esteve muito tempo, indo dali para a Capital Federal.

Nesse meio culto, Domingos Olímpio, em breve, tornou-se conhecido e estimado, escrevendo dramas e comédias, gênero de literatura para que tinha vocação.

Morreu aos cinquenta e tantos anos, e de sua obra literária, para que sobreviva e lhe dê renome, basta o livro — *Luzia-Ho-mem* — um dos poucos romances nacionais que temos.

PAULA NEY era aluno externo do colégio. Tinha nesse tempo, aos doze anos, um tipo quase raquítico, moreno, de olhar muito vivo, alguma cousa parecido com Rocha Lima.

Saiu do Ceará para o Rio, ainda muito nôvo. Coursou a Faculdade de Medicina, mas não chegou a ser médico. O gênio trêfego e inconstante do Ney e a sua mobilidade não lhe permitiam estar parado, nem conservar-se muito tempo fazendo a mesma cousa.

O seu espírito zombeteiro e fina *verve* impressionaram o público fluminense, empenhado sempre em sua renhida luta pela vida. Paula Ney conseguiu ser divulgado e aclamado o príncipe dos boêmios. Fêz as melhores relações a golpes de talento, de chiste e de audácia em tôdas as classes, desde o operário até os grandes da Nação. Quem não conhecia Paula Ney e não repetia uma de suas anedotas?

Coelho Neto, êste brilhante espírito, figura das mais salientes de nossa literatura, era um grande amigo e admirador do Ney.

Morreu muito cedo e nada deixou que lhe perpetue a memória. Quando desaparecerem os seus contemporâneos êle se acabará também.

Sorte igual espera ao nosso JÚLIO CÊSAR. Mentalidade brilhante e equilibrada, talvez o de cultura mais variada do nosso meio, morto, continuará a viver tão-só na memória da geração coetânea.

Não foi, certo, por boêmio que o Julinho deixou de nos dar um livro, que lhe perpetue o nome, mas por vaidade, mal entendida, e preguiça.

XILDERICO DE FARIA era aluno externo do "Atheneu". Tinha decidida vocação para a oratória. Concluídos os estudos no colégio foi para o Recife, onde se bacharelou em ciências

jurídicas e sociais. Voltando à Província entrou para a magistratura, sendo nomeado promotor no interior do Ceará. A permanência em um meio ignorante e sem distrações desenvolveu nêlo uma tara maldita, até então em estado latente, fê-la crescer para depois matá-lo. Casou-se, mas não deixou filhos. A sua vida foi curta e dolorosa. Xilderico de Faria foi um bólido que iluminou por instantes o espaço e caiu, afogando-se no oceano.

JOÃO LOPES FERREIRA FILHO foi aluno externo do "Atheneu". Era um menino comprido, franzino, de espessas sobrancelhas, feições grossas, facilmente caricaturáveis. Índole folgazã, insinuante, excelente conversador, mas pouco amigo de estudar. Não havendo exame de preparatórios aqui, embarcou para o Recife, e, a exemplo de Capistrano, lá estêve flinando sem fazer exames. O pai fê-lo voltar e empregou-o no Correio, de onde saiu para reger a cadeira de português na Escola Normal. A República veio encontrá-lo professor.

Era chegado o momento de João Lopes mostrar o valor de suas qualidades intelectuais e também de vidente e o pouco caso que sempre fêz da comédia humana. Proclamada que foi a República, êle já era cidadão republicano, pois o seu olfato de homem prático já sentira um cheiro de democracia, espreitou a peça que ia entrar em cena, viu que era uma pantomima, os atôres seus velhos camaradas, mascarou-se e subiu ao palco. Não lhe foi difícil ocupar logo as primeiras posições. Entrou para o ministério, que se organizou em Fortaleza, ocupando a pasta da Fazenda, ministério êste que teve vida efêmera e caiu a golpes de ridículo.

A estrêla de João Lopes foi grande, poucas a terão igualado e nenhuma excedido. Foi deputado à Constituinte, chegou a presidir a Câmara Federal e teria sido, como Frederico Borges (outro nosso colega de colégio), deputado crônico, se a política aciolina, da qual fazia parte, não tivesse caído. Na imprensa do Rio, tornou-se conhecido e acatado. Fêz as melhores relações de amizade. Teve filhos e, destes, um foi digno rebento seu, porém com melhor cultura. João Lopes é um diamante mal lapidado, mesmo assim esfuzila com grande esplendor; se tivesse cultivado o espírito muito poucos o teriam sobrepujado.

Éramos oitenta e tantos alunos internos e cento e tantos externos no "Atheneu Cearense", em 1865.

Esta fornada deu muita gente às ciências, artes, letras, comércio, agricultura. Muitos foram médicos, bacharéis, engenheiros, padres, farmacêuticos, agricultores e um foi bispo, D. Antônio Xisto Albano.

Dos alunos internos, no meu tempo, restam, ao que me consta, uma meia-dúzia: no Ceará, Monsenhor João Dantas Ferreira Lima, Drs. José Cabral de Melo, Antônio Cabral de Melo e eu, no Rio, Capistrano de Abreu.

* * *

Agora, algumas palavras sobre os que, ultimamente, se foram.

Dentro em pouco mais de um ano, morreram: Pe. José Leorne Menescal, Drs. Frederico Augusto Borges, Inácio de Sousa Dias, Lôbo Jurumenna, José Pacifico Caracas e Vicente Vitorino Soares Dantas.

O Pe. LEORNE foi de nossos colegas o de melhor comportamento. De menino mostrou que homem seria. De todos nós era um dos mais bem constituídos e o de maior força muscular. Em nossas folganças, no morro do Coroa, nunca abusou da força.

Saiu do "Atheneu" e foi estudar em Roma, no colégio Pio Latino, onde recebeu ordens sacras e doutorou-se em teologia. Vi-o na grande epidemia da varíola em Fortaleza, já padre e já santo, porque santo é quem se deita no chão ao lado de um varioloso podre em vida, fedendo como uma carniça, para ouvi-lo em confissão.

Morreu aos 67 anos, tendo vivido para Deus e para o próximo.

FREDERICO AUGUSTO BORGES, doutor em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade do Recife, nasceu em abril de 1853, na cidade de Fortaleza. Começou a vida pública como promotor desta capital. No colégio fez figura secundária. Era um menino forte, jovial, com os rompantes da família Borges. A página mais bonita de sua vida são os dias gloriosos da cam-

panha contra o elemento servil no Ceará. Era promotor público, mas não se submeteu à vontade do Presidente da Província, contrário ao movimento, preferindo ser demitido, como foi. Essa demissão foi a sua felicidade. Mudou-se para o Rio, onde abriu banca de advogado, foi professor de uma das Academias de Direito e deputado geral pelo Ceará, desde o tempo do Império. O destino fê-lo vir acabar-se aqui, em propaganda de sua reeleição, dormir o derradeiro sono no regaço das areias brancas, embalado pela saudosa toada dos verdes mares bravios do seu querido Ceará.

Morreu aos 68 anos incompletos, deixando mulher e filhos.

INÁCIO DE SOUSA DIAS, doutor em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, era um menino franzino, um pouco gago, oriundo de uma importante família sertaneja. Sua passagem pelo colégio não deixou impressões. Diplomado em medicina, voltou ao Ceará e fixou residência no sertão, em sua cidade natal, e lá viveu clinicando, cuidando também de seus gados, vindo à capital de longe em longe. Era uma excelente criatura. Não era uma inteligência de primeira ordem, mas não era estúpido, sendo muito espirituoso.

Morreu aos sessenta e tantos anos, celibatário, sem prole.

LÔBO JURUMENHA, bacharel em Direito pela Faculdade do Recife, era um menino feio, entroncado, um pouco enfezado, porém estudioso; inteligência medíocre. Filho de pais sertanejos abastados, depois de concluídos os estudos no "Atheneu" rumou para o Recife, onde se bacharelou. Voltou à terra natal e depois embarcou para o Sul, fixando residência no Estado do Rio, onde constituiu família, vindo a ser deputado à Câmara Federal por aquêlê Estado.

Faleceu aos sessenta e tantos anos.

VICENTE VITORINO SOARES DANTAS foi de todos nós um dos mais infelizes. Oriundo de uma família de lavradores abastados de Cascavel, entrou para o "Atheneu" com seu irmão Francisco, ainda muito nôvo. Eu já ali o encontrei. Era um menino magro, bem moreno, de rosto anguloso, olhos muito pequenos e sepultados em fundas órbitas. Tinha boa índole e

era muito dádívoso. Todos os meses recebia do engenho boas rapaduras batidas. Era um dia de festa no colégio. Eu, que era muito camarada do Vitorino e um grande glutão, recebia um quinhão maior.

Sáidos que fomos do "Atheneu", nunca mais nos vimos. Passaram-se arjos, sêcas reproduziram-se; já não me lembrava do *boi velho*, como nós chamávamos o Vitorino no colégio. Uma manhã entra-me de casa adentro um velho de calça e blusa de mescla, chapéu de palha de carnaúba, pés em alpercatas. Aproximando-se de mim, estendeu-me a mão. Fitei-o e reconheci-o; era o Vicente Vitorino, mais alto, mais cheio do corpo, de cabelos brancos, com a pele do rosto tostada e cheia de rugas. Abraçamo-nos e choramos juntos.

Vitorino, em poucas palavras, contou-me a sua desgraça, a mesma história dos que habitam a terra das sêcas. Os repetidos flagelos tinham-no reduzido àquele misérrimo estado! . . . Hospedei-o, dei-lhe o que pude e mandei-o aos nossos colegas Antônio Cruz, Epaminondas da Frota, José Albano Filho, Pe. Leorne Menescal, Pe. João Dantas, Alfredo Salgado e outros.

Voltou Vitorino para Cascavel. Depois vinha à capital de arjo em ano e nós o socorríamos. Tempos depois morria na Santa Casa de Misericórdia como um mendigo. Se não fôsse a moléstia de olhos que o acompanhou da infância à velhice, teria, como desejava, cursado a Faculdade de Direito do Recife. Chegaría a desembargador. Morto, teria funerais, caixão dourado, mausoléu, coroas mortuárias com bonitos e fementidos dizeres, com que a bazófia humana rende preito de saudade. E a imprensa, em sentidos necrológios, renderia homenagem ao seu saber. Nada disto teve, por ser um desclassificado. Nem os jornais noticiaram a sua morte! Ninguém soube. O que perdeu Vitorino com o silêncio e desprezo da sociedade! Nada. . . Entrou para a grande pátria, a vala comum, para ser operada pelos vermes a ressurreição da carne, ficando, assim, irmanado aos grandes da terra, que também apodrecem. Por nêrças e coroas bastam a êle as saudades que aqui deixo nestas reminiscências, mais sinceras do que os necrológios da imprensa, do que as grinaldas de fôlhas de lata com os seus falsos adeuses.

Morreu Vicente Vitorino aos 69 arjos, deixando mulher e filhos aduitos.

JOSÉ PACÍFICO CARACAS, o Caraquinhas, como nós o chamávamos, e o Zu, como era apelidado em família, diplomou-se em medicina na Academia da Bahia. Era o Benjamin do "Atheneu", talvez não tivesse dez anos. Era um menino cheio de corpo, bonito, alourado, muito claro, estudioso e de comportamento exemplar. Doutor em medicina, voltou à sua terra, a serra de Baturité, onde se entregou à agricultura, administrando as suas propriedades. Era um excelente homem. Estimado por quantos o conheciam, morreu aos sessenta e poucos anos, deixando viúva e filhos.

Morto JOÃO DE ARAÚJO, na flor da vida, deixando mulher e filhos, assumiu a direção do colégio seu irmão, o vice-diretor, MANUEL TEÓFILO DA COSTA MENDES. Eram dois irmãos que, fisicamente, não se pareciam.

Teófilo era mais alto, cheio do corpo, espadaúdo, fisionomia mais expansiva e simpática. Quanto aos dotes morais e intelectuais eram os mesmos, e as aptidões pedagógicas semelhantes. Hoje é que admiro a orientação que deram êstes educadores ao "Atheneu Cearense". O internato era dividido em classes conforme a idade dos meninos. De sete a onze anos, primeira classe; de doze a quinze anos, segunda classe; de dezesseis a vinte anos, terceira classe. Fui classificado na segunda classe, embora os meus onze anos; mas eu era um menino comprido, de muito *boa saída*, como diz o povo. As classes não viviam juntas. Comiam, dormiam, recreavam-se e banhavam-se separadas. A polícia dos dormitórios era vigilante quanto podia ser. Os leitos eram distantes um metro uns dos outros. Em cada salão dormia um censor, que rondava até tarde da noite. Manoel Teófilo foi um excelente continuador de João de Araújo.

Êstes bons educadores, os primeiros que teve o Ceará, estão esquecidos. Muitos de seus discípulos já ocuparam lugares importantes na governança e nenhum se lembrou de render uma homenagem pública a tão ilustres mestres. Mortos; mas não devem ser esquecidos. Há tantas ruas aí de nomes inexpressivos! Por que não as crismam com os nomes de João de Araújo e de Manuel Teófilo? Isto, bem sei, nada vale, mas o mundo vive destas e outras futilidades. Hoje, uma rua tem um nome, *ama-*

nhã terá outro ao sabor do prefeito. A rua hoje Barão do Rio Branco já foi Formosa e depois D. Luís.

Se o homem que perpetuam no bronze não está livre de lhe cassarem a benemerência, como fizeram há pouco tempo com um nosso almirante, trancafiando-lhe a estátua em um museu, quanto mais um simples nome em uma placa de rua ou praça!

A estátua para relembrar aos pósteros a gratidão a um homem, que se dedicou de corpo e alma à salvação do gênero humano, como Pasteur, isto depois da morte, ainda se admite; em vida nunca.

Estamos barateando a maior homenagem que se pode fazer a um homem. As estátuas que temos, nenhuma merecia ser levantada. Sampaio e Tibúrcio foram dois grandes soldados, bateram-se como bravos na defesa da pátria. Sampaio morreu no campo de batalha. Ambos foram heróis no cumprimento do dever. Ambos destruíram e não criaram. Se o cumprimento do dever faz jus a uma estátua, encham-se as praças de figuras de bronze.

Pedro II o que fez para merecer uma estátua? Foi um monarca justo e magnânimo. Governou cinquenta anos o seu povo com paternal carinho. A nós, cearenses, socorreu pròdigamente em nossas aflições, mas tudo o que fez foi no cumprimento do dever. Quando publiquei a minha novela — *O Reino de Kiato* — disse o meu modo de sentir sôbre estátuas.

Dirão os que comigo não concordam que a época é de tamanha dissolução moral que o homem que cumpre o seu dever é figura tão rara que merece uma estátua.

Que as levantem! . . .

Alto da Bonança — Dezembro — 1921.